



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CRISTIAN HENRIQUE SENA DA SILVA

**LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO DA CULTURA
POPULAR NORDESTINA**

Recife
2019

CRISTIAN HENRIQUE SENA DA SILVA

**LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO DA CULTURA
POPULAR NORDESTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Pajeú.

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S586l Silva, Cristian Henrique Sena da
Literatura de Cordel como fonte de informação da cultura popular
nordestina / Cristian Henrique Sena da Silva. – Recife, 2019.
48f.: il.

Orientador: Hélio Marcio Pajeú.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de
Ciência da Informação. Curso de Biblioteconomia, 2019.

Inclui referências.

1. Literatura de Cordel. 2. Cultura Popular. 3. Fontes de Informação. I.
Pajeú, Hélio Marcio (Orientador). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-52)

CRISTIAN HENRIQUE SENA DA SILVA

**LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INFORMAÇÃO DA CULTURA
POPULAR NORDESTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: 11/01/2019.

BANCA EXAMINADORA

Hélio Marcio Pajeú (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Lourival Pereira Pinto (Membro Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Georgia Ramine Silva de Lira (Membro Externo)
PPGCI – Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a todos os meus amigos que de alguma forma me ajudaram no desenvolvimento dessa pesquisa e também ao meu orientador por ter me ajudado no desenvolvimento dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças pra conclusão deste trabalho, aos meus amigos que me apoiaram nos momentos mais difíceis e que me ajudaram bastante, também ao meu orientador por sua valiosa ajuda nesse trabalho, sem a sua ajuda dificilmente não sairia tão rápido e pela paciência que teve comigo e aos meus familiares que me deram apoio e me incentivaram a continuar, a todos o meu muito obrigado.

RESUMO

A literatura de cordel surgiu na Europa no século XVI em Portugal, os renascentista já popularizam as escritas dos trovados, em Portugal esse folheto teve grande popularidade. A palavra cordel vem de corda pois as folhas soltas ou folhas volantes era vendidos pendurados em pedaços de cordas ou barbantes nas feiras Portuguesa. O cordel chegou ao Brasil na época da colonização quando os Portugueses colonizaram as terras Brasileiras, foi no Nordeste que o cordel teve grande popularidade graças ao modo como retratava as historia do povo nordestino. Surgiu também no Nordeste os primeiros cordelistas Brasileiros e que serviram como uma fonte de informação para esse povo, pois o cordel falava a língua do povo sertanejo. Com o passar do tempo o cordel começou a migrar para outras regiões do Brasil, principalmente o Centro-Sul graças a migração dos nordestinos para essa região, a partir disso o cordel deixou falar as lendas do povo nordestino e começou a falar sobre outros temas da atualidade e passou a ser uma fonte de informação, pois os leitores poderiam ler noticias atuais nos versos do cordel assim como também como nos jornais. O que diferenciava as duas fontes era o modo como era noticiado o fato, além do que, o cordel tornou-se parte da cultura popular pois passou a ser disseminado entre a população mais carente pelo fato de uma parcela desta não ter acesso a jornais, o cordel passou, então, a ser a principal fonte de informação desse povo pois fala a língua do povo.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Cultura Popular. Fontes de Informação.

ABSTRACT

The Cordel literature emerged in Europe in the 16th century in Portugal the Renaissance people already popularized the writings of the Trobits, in Portugal this leaflet had great popularity the word cordel comes from rope because the loose leaves or flywheels were sold Hanging in pieces of string or string in the Portuguese fairs, the Cordel arrived in Brazil at the time of colonization when the Portuguese colonized the Brazilian lands was in the northeast that the Cordel had great popularity thanks to the way the Cordel portrayed The history of the northeastern people was in the northeast that emerged the first Brazilian cordelists the Cordel served as a source of information for these people because the Cordel spoke the language of the Sertanejo people with the passing of time the Cordel began to migrate to other regions of the Brazil mainly the center-South grace the migration of the northeastern to this region from there the Cordel left speaks to the legends of the Northeastern people and began to talk about other topics of today and became a source of information because readers could read Current news in the verses of the Cordel as well as in the newspapers what differentiates the two sources and the way and reported the fact beyond what the Cordel being became part of popular culture because it began to be disseminated among the most needy population by the fact of a PA This population does not have access to newspapers the Cordel became the main source of information of these people because the Cordel speaks the language of the people.

Keywords: Cordel literature. Popular culture. Information of science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cordel “O frevo: sua história passo a passo, de Pedro Queiroz.....	30
Figura 2 - Notícia do G1 PE	31
Figura 3 - Notícia sobre o título do Sport no Campeonato Pernambucano de 2014	32
Figura 4 - Cordel “Sport campeão: frescando, de Davi Teixeira	33
Figura 5 - Cordel “Dengue-Laden: o mosquito terrorista” de Davi Teixeira	35
Figura 6 - Notícia do G1	35
Figura 7 - Cordel “Luiz Gonzaga: o filho de Januário”, de Davi Teixeira.....	38
Figura 8 - Notícia do Globo News.....	39
Figura 9 - Cordel “A perna cabeluda: prenúncio da besta-fera”, de Guaipuan Vieira	42
Figura 10 - Narração do Recife Assombrado	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	A LITERATURA DE CORDEL COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR.....	14
1.2	AS FONTES DE INFORMAÇÃO NA DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO..	21
1.3	A INFORMAÇÃO DISSEMINADA NA LITERATURA DE CORDEL.....	26
2	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Entende-se por literatura de cordel, uma manifestação artístico-cultural da cultura popular que registra a história e a trajetória de um povo, assim como, caracteriza-se por uma ação poética que dá vida à sociedade. A origem da literatura de cordel está ligada ao início no século XVI e no Brasil chegou por meio dos portugueses na época da colonização e ficou conhecido das mãos de Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, no final do século XIX, quando esse gênero ganhou popularidade no Brasil.

Uma das primeiras formas de cordel conhecidas foi à cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, no Estado da Paraíba, no final do século XVIII. Os traços do cordel estão presentes em algumas obras da literatura brasileira como, por exemplo, Macunaíma de Mário de Andrade, Jeca Tatuzinho de Monteiro Lobato, Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, com o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, bem como aparece no cinema nacional como no filme Nordeste, Cordel e Repente de Tânia Quaresma e ainda se materializa nos ritmos musicais como no Baião, Xaxado, Xote, Forró, na Música Popular Brasileira (MPB) e o Mangue Beat.

Os temas da literatura de cordel são os mais variados, vão desde narrativas tradicionais transmitidas pelo povo oralmente até aventuras, histórias de amor, humor, ficção. Em sua forma mais tradicional, o folheto de caráter jornalístico, geralmente, conta um fato isolado, muitas vezes um boato, modificando-o para torná-lo divertido, mas também tratam de temas religiosos e profanos, como é propício da cultura popular. Uma característica da literatura de cordel é o uso de recursos textuais como o exagero, os mitos, as lendas, e atualmente o uso de ironia ou sarcasmo para fazer críticas sociais ou políticas e usar uma imagem estereotipada como personagem criticando a exclusão social e o preconceito, às vezes fazendo uso dos mesmos por meio do humor sarcástico.

O cordel está presente em todo o Brasil, mas é no Nordeste que mostra sua força e é lá que se desenvolveu da forma que é conhecido hoje. Os suportes informacionais evoluíram e se transformaram ao longo do tempo, desde as mais antigas tabuletas de argila até a internet, a informação encontra enorme variedade de suportes no qual pode ser inserida e, posteriormente, disseminada e consultada, portanto, pode-se conceituar fonte de informação como sendo o suporte (físico ou não) em que a informação está fixada e/ou registrada, isto é, é onde a informação está armazenada e é passível de recuperação, o cordel também é, sobretudo, uma fonte de informação capaz de divertir e informar, pois o cordelista tem habilidade em transformar o fato representado em história, em narrativa, em fábula.

Os folhetos têm proporcionado para as camadas populares e de interessados uma alternativa diferenciada e legítima de fazer com que estas fiquem por dentro dos fatos, de estarem alegres, de terem forças para e/ou de preservar viva a memória dos folhetos. No Brasil, há vários cordelistas de renome e que foram os percussores desse gênero, principalmente no Nordeste, quais sejam: Apolônio Alves dos Santos, Arievaldo Viana Lima, Cego Aderaldo e Elias A. de Carvalho, e tem-se também um grupo de cordelistas modernos que estão modificando o gênero a cada dia, como por exemplo, a produção de cordéis para a internet, como é o caso de José de Sousa e Francisco Diniz e cordelista, escritor e poeta cearense Bráulio Bessa, o qual será mencionado sua produção para compor o objeto de estudo do respectivo trabalho.

O cordel também é considerado um meio informativo pois, atualmente, os cordelistas passaram a contar o fato do cotidiano e não somente histórias e contos do povo do sertão. Diferente do que é retratado nos jornais, o cordel tem uma linguagem mais simples a qual as camadas mais baixas da nossa sociedade entende, os cordelistas ao criarem os versos de cordel, utilizam o humor ácido, o sarcasmo e a ironia para retratar algum tema da atualidade usando uma linguagem coloquial. Os versos de cordel falam a língua popular e os leitores do cordel se informam e se divertem ao mesmo tempo, pois no cordel a notícia é retratada de maneira humorada e com o uso das gírias. Os leitores entendem que aquela notícia se trata diferente dos jornais cuja a linguagem é mais formal e muitas vezes a própria população não entende o que está escrito naquele jornal, por ter frases desconhecidas pela população ou a pessoa simplesmente ser semi-analfabeta, além de que os folhetos de cordel são mais baratos que um jornal impresso. Vale ressaltar que uma parcela da população não tem acesso a esse tipo de informação seja pelo jornal impresso ser caro, ou pelo fato de residirem em lugares onde esse tipo de informação não chega, tornando muitas vezes o cordel como o único meio de informação.

O modo de produzir e disseminar o cordel pelo cordelista Bráulio Bessa fez levantar a seguinte questão de pesquisa: o cordel sendo tão popular na esfera cotidiana no Nordeste, funcionaria como uma fonte de informação válida sobre a cultura popular nordestina? Se sim, quais as principais diferenças entre os elementos utilizados para transmitir a informação por meio do cordel e nos jornais eletrônicos?

Tradicionalmente, o cordel está ligado à cultura nordestina, pois foi no Nordeste que o cordel ganhou destaque contando lendas e história do povo do sertão. Agora com a invasão das mídias digitais ficou mais acessível ler um verso de um cordel online, por isso o cordel pode ser considerado como uma fonte de informação uma vez que também aparece como registro de

acontecimentos, além de possibilitar a informação gera também relatos sociais produzidos por grupos populares e a estrutura dissemina fatos que servirão de conhecimentos pra outras pessoas.

O objetivo deste projeto é mostrar que o cordel também é um meio informativo pois não fala apenas de casos ou contos de determinado grupos sociais, mas atualmente o cordel retrata casos do cotidiano do cidadão ou seja aquele todo tipo de notícia pode virar versos de um cordel nas mãos de um experiente cordelista.

A literatura de cordel já é considerada por muitos estudiosos como uma fonte de informação, pois os folhetos trazem notícias do nosso cotidiano de uma maneira sarcástica, crítica e com um certo tom humorístico. Na Ciência da Informação (CI) o cordel já é considerado por muitos como uma fonte de informação, apesar desse gênero ser pouco estudado nessa área de pesquisa. A literatura de cordel mesmo pouco estudada é importante para a área da ciência da informação por ser um objeto informativo ainda desconhecido na CI e diferentes dos outros suportes informacionais, além disso muitas bibliotecas não possuem um acervo de folhetos de cordéis.

Deste modo, o objetivo desse trabalho é discutir a literatura de cordel como fonte válida na disseminação de informação sobre a cultura popular nordestina. Como objetivos específicos caracterizar a literatura de cordel na esfera da cultura popular; discutir o cordel como uma fonte de informação nos processos de disseminação da informação; analisar comparativamente as diferenças entre a informação veiculada no cordel e em notícias considerando os aspectos da linguagem.

Essa pesquisa se configura de natureza bibliográfica e documental. Fez-se um levantamento bibliográfico selecionando as fontes mais relevantes para fundamentar a teoria utilizada na pesquisa, a partir de artigos acadêmicos que trata-se sobre o cordel, disseminação da informação e fontes da informação.

A pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizam sobre determinado assunto ou fenômeno, geralmente o a metodologia bibliográfica é feita em instituições públicas ou privadas como bibliotecas, faculdades e universidades, especialmente em acervos que parte do catálogos coletivos e das bibliotecas virtuais, além do que, a pesquisa bibliográfica é um levantamento de fontes que servirão de bases pra uma pesquisa. Configura-se também como uma rotina para muitos pesquisadores e profissionais que necessitam de constante atualização, é mais ampla do que a pesquisa documental, embora tanto a pesquisa bibliográfica quanto a pesquisa documental

possam ser realizadas simultaneamente.

A pesquisa documental assim como a pesquisa bibliográfica pode ser realizada em bibliotecas, mas o que diferencia é que a documental poder ser feita em institutos e centros de pesquisa como também em museus e acervos particulares como também em locais que possam servir como fonte de informação.

Ela é realizada a partir de documentos como tabelas, cartas, fotografia, atas e relatórios e obras de qualquer natureza. Tais documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador.

Para realizar essa pesquisa constituímos um corpus com alguns cordéis que tratam de temas referentes a cultura popular. Para objeto principal desse estudo foram selecionados cinco cordéis cujo os temas foram: O Frevo, A Perna Cabeluda, Luiz Gonzaga o filho de Janeiro, Dengue-Laden o mosquito terrorista e o cordel Sport Campeão de 2014. A partir da leitura desses cordéis, buscamos notícias no sites de notícias, tais como da G1.com, Globoesporte.com, o site do programa da globo Bem-estar, o site Recife Assombrado, Ebiografia, R7.com, site da Uol e da pagina da Globo News, que tratassem dos mesmo temas para desenvolver uma análise de como os temas eram tratados nos dois gêneros e como os dois se diferenciam sobretudo em relação a linguagem que empregam.

Deste modo, o trabalho apresenta-se da seguinte forma: o capítulo 1 intitulado de “ a literatura de cordel como cultura popular” é falado sobre a história do cordel desde o seu surgimento em Portugal até a sua chegada ao Brasil com os Portugueses na época da colonização e como o cordel virou um patrimônio cultural do povo Nordestino, bem como sobre os primeiros cordelistas brasileiros relacionando a literatura de cordel com a cultura popular.

No capítulo seguinte foi abordado o tema “as fontes de informação como ferramentas de disseminação da informação” onde foi caracterizado as fontes de informação de acordo com o pensamento da CI (primária, secundária e terciária) bem como uma explanação sobre o que seja disseminação da informação.

No capítulo 3 discutiu-se sobre a informação disseminada na literatura de cordel, caracterizando-a no paradigma social da Ciência da Informação para então concretizar as análises procurando compreender as diferenças entre o modo como a informação se materializa no cordel e no jornal, ou seja, o cordel e um jornal podem noticiar o mesmo fato sendo que a linguagem apresenta-se de modo distinto.

1.1 A LITERATURA DE CORDEL COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR

A literatura de cordel advém da Europa no século XVI quando os renascentistas popularizaram a impressão dos relatos que eram feitas pelos trovadores, mas foi em Portugal que esse novo tipo de escrita ganhou popularidade e ficou conhecido, inicialmente, por literatura de cegos. Segundo Ferreira da Silva (2012, p 15) “O cordel português tinha um caráter erudito ao apresentar grandes clássicos. A linguagem popular do cordel veio possibilitar novas interpretações para um conteúdo, que era adaptado para os folhetos com o objetivo de aumentar a divulgação das informações” e ganhou esse nome literatura de cordel pois os folhetos ficavam pendurados em cordas (cordéis) ou barbantes. O cordel chegou ao Brasil junto com os portugueses durante a colonização e logo se popularizou, principalmente, no Nordeste onde surgiram os primeiros cordelistas como por exemplo Leandro Gomes Barros. O cordel brasileiro se destacava nas grandes camadas populares por retratar contos e histórias do sertão nordestino como as façanhas do cangaceiro Lampião, mas também por retratar alguns fatos históricos, como o suicídio de Getúlio Vargas.

No Nordeste brasileiro, esse fenômeno teve maior representatividade e aceitação. A poesia popular gerou uma motivação e logo se tornou uma aliada do povo para divulgar seus anseios, medos e alegrias, sentimento expressos e compreendidos devido a uma tipologia de linguagem comum simples e acessível a cultura nordestina Ferreira da Silva (2012, p 15)

Com o passar dos tempos o cordel começou a retratar notícias do Brasil, porém, com uma linguagem diferentes dos jornais, isto é, a linguagem que trazia o cordel era simples e comum já que uma grande parte da população do interior do Nordeste não sabia ler. Segundo Ferreira da Silva (2012, p 16), “em meados do século XIX, o povo não tinha acesso a jornais ou outros meios de comunicação e utilizava o cordel para se manter informado” fazendo ser um meio de informação, bem como começaram a materializar suas angustias e frustrações por meio desse gênero popular, que fez com que esse tipo de literatura ganhasse mais força entre a população do sertão nordestino. Esse fato despertou a atenção de estudiosos como Ariano Suassuna, e chegou a se configurar como objeto de estudos de vários pesquisadores.

O cordel passou ser considerado como um exemplo de cultura popular, pois mesmo oriundo da elite portuguesa, no Brasil foi disseminado entre o povo nordestino pelo fato dos

versos de cordéis ter uma linguagem popular simples e que também era o único meio informativo, retratando várias lendas do sertão nordestino,

“Linguagem do cordel possui traços bem peculiares, com características específicas a este gênero literário faz parte de seus versos a poesia ritmada e não sem intencionalidade, sua rima e ritmo interferem diretamente na sonoridade destes escritos. A sonoridade dentro do cordel é fator muito importante em relação ao sucesso com seu público, porque estes são lidos e posteriormente decorados” (LYZ; oliveira, 2013, p. 17).

O cordel advém de uma tradição oral e conserva muito as características desse gênero do discurso e são conhecidos tanto pela forma de composição do texto quanto pelas funções que viabilizam o estilo de linguagem.

Segundo Assis de Cavalcanti (2007, p. 16) “considerada como invenção Ibérica a expressão da literatura de cordel se ramifica com os estudos do folheto, surgido na península Ibérica no século XVI e chamados *Piegos Sultos* na Espanha e *Folhas Volantes* em Portugal, os renascentistas foram os principais disseminadores do cordel muitos deles tratavam inicialmente de assuntos históricos”. O cordel teve uma grande aceitação em Portugal pois os folhetos narravam histórias de poetas e dramaturgos como Gongora e Gil Vicente, o cordel Português ficou conhecido como *Literatura de Cegos* pois segundo Assis de Cavalcanti, (2007, p. 16) “após a irmandade do menino Jesus dos Cegos de Lisboa ter obtido direitos exclusivos da venda em 1789” e tinham um caráter erudito ao apresentar grandes clássicos, a palavra “*Literatura de Cordel*” veio de Portugal pois os folhetos eram vendidos presos por um pequeno cordel ou barbante

Ferreira da Silva (2012, p. 15) afirma que

“No nordeste brasileiro, esse fenômeno teve maior representatividade e aceitação. A poesia popular gerou uma motivação e logo se tornou uma aliada do povo divulgar seus anseios, medos e alegrias, sentimentos expressos e compreendidos devido a uma tipologia de linguagem comum, simples e acessível à cultura Nordestina”.

Os cordéis ainda são vendidos em lonas, malas estendidas ou penduradas em um pedaço de barbante em feiras populares, de custo baixo, geralmente, estes pequenos livros são vendidos pelos próprios autores e fazem grande sucesso em estados como Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia. Na metade do século XIX começaram as

impressões de folhetos brasileiros, com características próprias daqui, nos quais eram retratados vários temas do cotidiano e da realidade do povo nordestino como episódios históricos, lendas, temas religiosos, entre elas as façanhas do cangaceiro Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1900-1938) e o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1883-1954), os principais assuntos retratados nos livretos são: festas, política, secas, disputas, brigas, milagres, vida dos cangaceiros, atos de heroísmo, milagres, morte de personalidades, etc.

Amaral Teixeira (2008, p. 12) afirma que “uma das primeiras formas de cordel conhecidas foi a cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, no estado da Paraíba, no final do século XVIII” o poeta Agostinho Nunes da Costa (1797-1858) foi o primeiro cantador conhecido desse grupo, em algumas situações estes poemas eram acompanhados de violas e recitados em praças com a presença do público. Amaral Teixeira (2008, p. 12) afirma que “depois do cordel cantado no final do século XVIII, tem-se registro do final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel”.

O primeiro grande cordelista brasileiro foi Leandro Gomes de Barros (1865-1918) que nasceu no município de Pombal no estado da Paraíba. Leandro na época ganhou o apelido de o rei dos poetas e ficou conhecido entre escritores e poetas brasileiros como Carlos Drummond de Andrade, ao imprimir em 1893 o primeiro folheto, época essa em que as tipografias se espalharam pelo Brasil. O cordelista Paraibano publicou vários poemas/rimas nos folhetos que hoje conhecemos como cordéis, entre as obras publicadas por ele está “A Mulher Roubada”, “A Confissão de Antônio Silvino”, “O Cavalo que Defecava Dinheiro”, entre outros. O Paraibano faleceu em 1918 no Recife deixando um legado que é lembrado até hoje pelos cordelistas. O fato de ganhar força no Nordeste fez surgir outros cordelistas como João Martins de Athayde (1880-1959) no município de Ingá do Bacamarte no Estado da Paraíba que é considerado um dos maiores cordelista do Brasil. João Martins publicou seu primeiro folheto em 1908 intitulado de “Um Preto e um Branco Apurando Qualidades”, João era um grande admirador do também Paraibano Leandro Gomes de Barros e por vez escreveu um cordel chamado de “A Pranteada Morte” no qual citava Leandro nos seus versos, apesar de ser da primeira geração de cordelistas João não foi muito bem aceito entre os outros poetas, em 1921 João comprou os direitos autorais de todas as obras de Leandro Gomes de Barros e publicou vários folhetos de cordéis antes de falecer em 1959. Hoje grande parte de suas obras estão sob a custódia guardadas na Fundação Casa Rui Barbosa.

No século XX a literatura de cordel já estava presente na rotina do povo Nordeste, segundo Galvão (2001), nessa época ocorreu a montagem das “redes de produção e distribuição

dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta” no Nordeste os folhetos de cordéis foram ganhando mais público e novos cordelista foram surgindo como Patativa do Assaré (1909-2002), cearense da cidade de Assaré ele foi um poeta popular, compositor e cantor sendo uma das principais figuras da música nordestina, começou a recitar seus primeiros versos de cordéis na juventude e publicou seu primeiro livro *”Inspiração Nordestina”* em 1956 e daí o cordelista começou a publicar várias obras entre livros de poesia e também fez carreira no mundo da música sendo compositor de vários sucessos. Outro cordelista muito conhecido foi Mestre Azulão, nascido em Sapé no estado da Paraíba, foi cantador de viola e poeta de bancada, e escreveu mais de 100 folhetos. Nesse cenário também se destaca o Pernambucano Manoel Monteiro, natural de Bezerros. No Brasil a literatura de cordel tinha uma estrutura um pouco diferente do cordel Europeu segundo Amaral Teixeira (2008, p 14) “o auge da literatura de cordel, nas décadas de 1930 e 1940, os folhetos eram uma espécie de lazer e informação, que socializava as pessoas que se uniam para ouvi-los”. Com uma linguagem coloquial (informal) e com o uso do humor da irônia e do sarcasmo e com intensa presença de oralidade, rimas e métrica, a população nordestina foi cada vez mais ser tornando leitor dessa nova forma literária, pois, diferentes dos jornais impressos que tinha uma linguagem mais formal, o cordel tinha uma linguagem mais simples e de fácil compreensão, e esse fato ajudava, uma vez que grande parte da população do Nordeste era analfabeto, não sabia ler e nem escrever direito, principalmente, a população do interior. Outro fator para a disseminação do cordel entre a população era o fato de os jornais impressos não chegarem as áreas mais distante ou isoladas, principalmente, no interior do Nordeste.

Os cordelistas contavam em seus versos contos e fabulas do povo Nordestino, também abordavam lendas urbanas e do folclore brasileiro. Muitas dessas histórias contadas nos versos de cordéis foram caindo nas graças da população e a literatura de cordel se espalhou pelo Brasil ganhando novos leitores também nas grandes cidades. Algumas histórias retratadas nos folhetos ficaram conhecidas entre os leitores, como por exemplo Cordel (Patativa de Assaré), Lampião, o capitão do cangaço (Gonçalo Ferreira da Silva), O cachorro dos mortos (Leandro Gomes de Barros) e Ave-Maria da Eleição (Leandro Gomes de Barros), com o passar dos anos o cordel ganha novos leitores e mais espaço sendo encontrado nas feiras livres de várias cidades. Isso mostra que o trabalho dos vendedores dos folhetos foi determinante para a disseminação desse tipo de literatura. Segundo Amaral Teixeira (2008, p. 15) “A partir da década de 1950, com a grande migração de nordestinos para o centro-sul, a literatura de cordel foi propagada nessa região”, Rio de Janeiro e São Paulo foram os

estados os nordestinos que mais migraram e foram nesses estados que o cordel também ganhou espaço sendo encontrados facilmente nas feiras livres, pendurados em cordas ou barbantes.

Com muitas rimas e poesias os folhetos de cordéis são escritos em sextilha, com estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas e também o segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si, sextilha na qual o cordel é escrito em forma de sextilha com o segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si e estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas e a sextilha onde a sextilha é usada com estrofes de sete versos, tem a seguinte rima: o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e sexto têm uma segunda rima entre si. Com a literatura de cordel também surgiu a xilogravura que significa gravura em madeira, inicialmente, era muito presente nas capas dos folhetos de cordéis e consistia numa técnica que utilizava um pedaço de madeira para entalhar um desenho no qual o entalhamento deixava um relevo na madeira e em seguida era utilizado uma tinta para pintar a parte em relevo do desenho e imprimir em papel. No cordel a xilogravura era usada para fazer ilustrações de textos, logo em seguida a xilografia passou a ser uma técnica que era criada em desenhos em pedaços de madeira e com o passar do tempo a técnica da xilogravura passou a ser utilizada também em outros suportes como o azulejos. As xilogravuras representam um importante espólio do imaginário popular pelo fato de funcionar como divulgadora da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais. Alguns cordelistas também produziam xilografia como o pernambucano J. Borges que é considerado como um dos maiores cordelistas e produtor de xilogravura da atualidade.

“O cordel é um, mas se divide deixa-se moldar pelo leitor, possui uma maleabilidade de linguagens, criando a possibilidade de o escrito passar a oral, quando sua leitura se multiplica fazendo de um leitor ponte para vários outros. Isso acontece, quando os folhetos são lidos nas tradicionalmente rodas de famílias onde essa literatura é passada oralmente, inclusive para àqueles que não foram alfabetizados” (Oliveira, ANO, p.?).

O cordel passou a retratar notícias do cotidiano da população nordestina onde os cordelistas começaram a transformar as notícias em geral em versos de cordéis usando o artifício da linguagem informal e com uma certa dose de humor e sarcasmo. Os cordelistas começaram a escrever versos de cordéis para fazer críticas sociais ou protestos sobre determinado assunto. Teixeira do Amaral (2008, p. 15) afirma que “na década de 1960, o cordel passou por uma crise, sendo o interesse por ele retomado nos anos de 1970. Mas, uma grande transformação ocorreu nessa literatura. Um público mais letrado começou a se interessar” e que

o cordel passou a ser uma fonte de lazer e estudo. Segundo Abreu (1999) citado por Teixeira do Amaral (2008, p. 16) “a maior parte dos cordelistas das três primeiras décadas do século XX nasceu na zona rural e teve pouca ou nenhuma instrução formal. Os cordelistas contemporâneos, assim como os consumidores hoje, têm maior acesso à cultura letrada”.

A literatura de cordel começou a influenciar grande autores da literatura brasileira, como por exemplo Mario de Andrade, Monteiro Lobato, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna e aparece materializada nas obras *Macunaíma*, *Auto da Compadecida*, *Jeca Tatuzinho* e *Morte e Vida Severina*. O cordel também teve influencia em alguns ritmos musicais brasileiros, tais como o baião, o xote, o xaxado, forró, a MPB e o movimento do Mangue Beat criado por Chico Science. Também nota-se sua influência na cinematografia e telenovela brasileiras, como por exemplo no filme “O Auto da Compadecida” adaptado do livro do mesmo nome de autoria de Ariano Suassuna e o filme “Nordeste, Cordel e Repente” de Tânia Quaresma, na teledramaturgia a Rede Globo produziu a novela “Cordel Encantado” que foi exibido em 2011 e foi a primeira novela brasileira a ser inspirada nas histórias do cordel. Portanto, a literatura de cordel enraizou no imaginário popular brasileiro ao ponto de ser considerada como um exemplo de cultura popular. Paulino da Silva (2007, p. 12) explica que a expressão “cultura popular” é usada, com frequência, sem que se explicita seu significado, não existe um termo definitivo pra palavra cultura popular, mas, a cultura faz parte do ser humano, todo homem tem uma cultura. Originada do latim *Colere* que significa cultivar, os intelectuais antigos de Roma usavam esse termo para se referir a sofisticação pessoal. Segundo Melo citado por Belo (2012, p. 46) “cultura também costuma ser associada a eventos festivos e cerimoniais de um povo, agregados aos seus costumes, registros e oralidade”. A cultura também está ligada a realidade social, Diegues Junior (1977) citado por Assis Cavalcanti (2007, p. 21) afirma que “o ambiente sociocultural do Nordeste contribuiu para que surgisse com força a literatura de cordel, tornando-se uma certa forma uma característica da própria fisionomia cultura da região”.

A palavra popular vem do latim *populus* que significa algo que se diz respeito ao povo, alguns estudiosos compara a cultura popular a cultura da massa, já outros a compara com o folclore ou ao costume das classes subalternas (povo). Marilena Chauí (2008, p. 59) ao falar da relação entre cultura e democracia afirma que

“A primeira, no Romantismo do Século XIX, afirma que cultura popular é a cultura do povo ~~do povo~~ bom, verdadeiro e justo, ou aquela que exprime a alma da nação e o espírito do povo; a segunda, vindo da Ilustração Francesa do Século XVIII considera cultura popular o resíduo de tradição, misto de superstição e ignorância a ser corrigido pela educação do povo; e a terceira, vindo dos populismos do Século XX, mistura a visão romântica e a Iluminista, da visão romântica, mantém a ideia de que a cultura feita pelo povo só por isso é boa e verdadeira; da visão Iluminista, mantém a ideia de

que essa cultura, por ser feita pelo povo, tende a ser tradicional e atrasada com relação ao seu tempo, precisando, para atualizar-se de uma ação pedagógica, realizada pelo estado ou por uma vanguarda política” (CHAUÍ, 2008, p. 59).

Chauí (2008) ainda afirma que cada um desses entendimentos de cultura popular conforma eleições ideológicas bem definidas: a romântica procura globalizar a cultura popular como sentimento patriota, isto é, convertendo-a em nacionalismo; a iluminista alvitra o seu esvaecimento ao propor uma catequização protocolar desempenhada pelo Estado; e a populista anseia apresentar a verdadeira consciência ao povo para que seus modos de vida provoquem alterações sociais revolucionárias.

Segundo Pajeú (2014, p. 114) a imagem da cultura popular atrelada ao homem simples de classe baixa tem sua origem no final do Século XVIII e começo do XIX quando os costumes tradicionais encontravam-se em vias de se desbotar e o povo se transformou em matéria de importância para os intelectuais europeus. Nessa época esse sistema estava diametralmente abotoado às práticas dos camponeses, principalmente na Alemanha.

“Por outro lado, o povo também sempre estimulou uma cultura própria, marcada pela inventividade, vivacidade e inquietação, desmistificando assim, visões consagradas que o considerava inculto, ignorante, passivo e, portanto, incapaz de produzir qualquer coisa de valor nos espaços da cultura e da arte” (MATOS, 2010, p 77).

Dentro da cultura popular compreende-se a distinção entre classe de elite, classe subalterna, cultura popular e a cultura erudita. HALL (2003, p. 249) afirma que “no estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui com o duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situam em seu interior. O estudo da cultura popular tem oscilado muito entre esses dois polos da dialética da contenção resistência”.

Canclini (2008) citado por Pajeú (2014, p. 122) afirma que “o lugar que a cultura popular ocupa na compreensão dos atos humanos, atualmente, se compõe devido ao fato de que a maioria das correntes teóricas que discutem seus fenômenos os tomam como expressões que se caracterizam dialeticamente pela relação do moderno com o tradicional, do culto com o popular e do hegemônico com subalterno, por isso a diferença conceitual e de objetos dos estudos folclóricos, da cultura de massa e da indústria cultural, e que tudo que é ligado a cultura popular na maioria das vezes é marginalizado.

Para Pajeú (2014, p. 123) a compreensão de cultura popular vista como antítese de uma relação dupla reservada ao recinto do subordinado, serve como discurso que alimenta uma

estrutura hegemônica nas relações sociais, avigorando a imagem de instabilidade e fraqueza dos grupos socialmente organizados rotulados como tais, bem como qualquer que seja a sua produção simbólica, a cultura popular se tornou subjugada por uma cultura da supremacia.

Bakhtin (2008, p 222) ao estudar a cultura popular observa a festa popular na Idade Média e no Renascimento na praça pública e considera que ela é composta, exatamente, pelo povo. Ele é quem forma a multidão em regozijo que enche as ruas nos dias de festa, sobretudo, no carnaval. Ele forma um todo popular, organizado a sua maneira popular, a maneira popular, exterior e contrária a todas as formas existentes de estrutura coercitiva social, econômica e política, de alguma forma abolida enquanto durar a festa (PAJEÚ, 2014, p. 115).

“A cultura popular deve ser preservada porque em sua essência ela é tradição e identidade. Os meios de comunicação de massa pertencem ao domínio da quantidade, eles massificam e uniformizam a diversidade. [...] O folclore precisa ser preservado da contaminação profana do mundo moderno. Popular é cultura, a massa é técnica” (ORTIZ, 1985, p105).

Deste modo, o cordel é uma forte expressão da cultura popular nordestina, visto que segundo Matos (2010, p. 87) toda manifestação cultural e universal, nascida de modo espontâneo e totalmente diferente a tudo que seja imposto pela cultura oficial. [...], as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos, os bufões e tolos, gigantes, anões e palhaços de diversos estilos constituem os artefatos da cultura popular, que pode também ser considerados como todo lugar que aglomera elementos distintos para enunciar verdades.

1.2 AS FONTES DE INFORMAÇÃO NA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Segundo Choo (2003, p. 48) “a Ciência da Informação aborda os aspectos cognitivos, emocionais e faz referência ao contexto dos indivíduos aos nos apresentar a informação como um fator humano que direciona seu texto para entender e analisar as necessidades e usos das fontes da informação”. Essa fonte facilita o processo de informação e comunicação e que as fontes informais são cada vez mais produzidas por diversos grupos, seja por organizações não governamentais (ONGs), comunidades populares ou ambientes virtuais. As fontes de informação são meios utilizados para solucionar problemas informacionais, toda notícia divulgada nas mídias sociais constitui-se como uma fonte e tem outra como base para sua construção, do mesmo modo que toda pesquisa realizada por estudiosos, deste modo as fontes são meios utilizados para solucionar problemas informacionais.

Rodrigues e Blattmann (2001, p. 10) afirmam que “podem-se definir fontes de

informação como tudo o que gera ou veicula informação. Pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem necessita, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, meios digitais, sites e portais”. As fontes de informação são classificadas a partir de 9 características: natureza da informação contida, tipo de informação oferecida, suporte em que se apresenta, difusão, matéria, cobertura geográfica, cobertura cronológica, ordenação da informação e grau de remissão e originalidade do conteúdo.

Segundo Cunha (2001) citado por Rodrigues e Blattmann (2001, p 9) “as fontes de informação ou documento podem abranger manuscritos e publicações impressas, além de objetos, como amostras minerais, obras de arte ou peças museológicas, podendo ser divididas em três categorias: documentos primários, documentos secundários e documentos terciários”. As fontes primárias são novas informações ou interpretações de ideias ou registros de observações e descrição como, por exemplo, congressos e conferências, legislação, nomes e marcas comerciais, normas técnicas, patentes, periódicos, projetos e pesquisas, relatórios técnicos, teses e dissertações. As fontes secundárias trazem a informação agrupada/organizada, tendo a função de facilitar o uso da informação “dispersa” nas fontes primárias, como por exemplos as enciclopédias, dicionários, bibliografias, índices, bases e bancos de dados, livros, catálogos de bibliotecas, feiras e exposições, filmes e vídeos. As fontes terciárias são guias as fontes primárias e secundárias, trazendo uma síntese ou consolidação de informações, como por exemplo, bibliografias, catálogos de bibliotecas, centros de informação e livrarias, diretórios, guias de literatura, revisões de literatura e guias bibliográficos. Para Pacheco e Valentim (2010, p. 334), citado por Rodrigues e Blattmann (2001, p. 9).

“A categorização das fontes de informação permite compreender a dimensão de cada uma diante de sua função, ou seja, as fontes primárias exprimem a interferência direta do autor; as fontes secundárias facilitam o uso do conhecimento das fontes primárias, uma vez que existe um tratamento diferenciado para elas de acordo com sua função e arranjo; e as fontes terciárias possibilitam que as fontes primárias e secundárias sejam encontradas”.

Segundo Ribeiro (2009, p. 44) agrupou as fontes em:

“Fontes pessoais externas: colegas de outras empresas, especialistas, clientes, concorrentes, consultores, corretores, parceiros, feiras, congressos ou palestras (interação presencial ou telefônica); fontes pessoais e internas: empregados, colegas de trabalho, superiores hierárquicos, sócios (interação presencial ou telefônica); fontes pessoais eletrônicas: e-mail (pessoal ou da empresa), fóruns, grupos de discussão na web, Messenger, Skype e similares; fontes impessoais externas: documentos produzidos fora da empresa, como revistas, jornais, livros, relatórios, periódicos técnicos, regulamentos, publicações governamentais, transmissões de

rádio ou televisão; fontes impessoais internas: documentos produzidos dentro da empresa, como relatórios, estudos, memorandos, arquivos em papel e anotações de trabalho; e fontes impessoais eletrônicas: documentos eletrônicos em geral, intranet, bases de dados eletrônicas da empresa, site da empresa, bancos de dados comerciais e governamentais on-line, sites diversos da internet e portais de notícias”.

Brum e Barbosa (2009, p. 60) dividem as fontes de informação da internet em diversos setores, ou seja, há muitas formas de se ter acesso à informação pela grande rede, quais sejam: listas de discussão, correio eletrônico (e-mail), informativos via correio eletrônico (newsletter), informativos comerciais via correio eletrônico (e-mail marketing), sala de bate-papo virtual (chat), mensageiros instantâneos (instant messengers), sitio de busca ou ferramentas de busca, intranets, extranets, e os próprios sítios disponível na web.

Fonte da informação são, basicamente, os meios utilizados para equacionar problemas informacionais estabelecidos pelo esforço de converter as necessidades em resultados práticos através das diversas formas de conhecimento.

Disseminar é o ato de fazer algo se propagar por diferentes e amplas direções, espalhando determinada coisa por longas distâncias, ou seja, a pessoa está compartilhando com outros indivíduos aquilo que sabe sobre determinado assunto, fazendo com que este seja amplamente divulgado. “Disseminar informações sup tornar público a produção de conhecimentos gerados ou organizados por uma instituição” (LARA; CONTI, 2003, p. 10). Disseminação da informação é a transferência de informação que pode acontecer entre pessoas, ou seja, quando uma pessoa passa determinada informação para outra pessoa. Coutinho Correia (2008, p. 2) considera que “a disseminação de conhecimentos produzidos em pesquisas a comunidade científica e ao público interessado segue um fluxo ou um ciclo pré-determinado, envolvendo canais formais e informais de comunicação científica.

Cavalcanti (2012) define a disseminação da informação como a propagação, ou seja, a informação sendo difundida por vários meios e suportes abrangendo um determinado usuário com base no esquema tradicional de emissor, canal, mensagem, receptor.

O avanço da tecnologia facilitou ainda mais a disseminação da informação, pois por meio de bases de dados on-line tornou-se possível a recuperação de diversos documentos com maior facilidade e a encontrabilidade de determinados assuntos.

“Nas Bibliotecas existem diversos servi os fundamentais para o usuário e comunidade acadêmica um deles é o serviço de disseminação seletiva da informação (DSI) usado nas universidades, as unidades de informações. E [...] muitas podem ser as maneiras de uma Unidade de informação disseminar as informações ao seus usuários, onde a adoção de mecanismos tradicionais pode ser mesclada com interfaces tecnológicas, ou seja, podemos tanto ter um expositor para novas aquisições inseridos fisicamente na biblioteca, quanto um serviço de alerta

eletrônico disponível via site e-mail entre outros e ambos os serviços conviverem harmoniosamente contribuindo para maior satisfação dos usuários” (LESSA; MOTA, 2013, p. 2).

As tecnologias de informação permitem uma maior ampliação do universo de disseminação das informações governamentais, mas é preciso verificar em que medida há efetiva transmissão de informação e como atinge efetivamente a sociedade. Lara e Conti (2003) afirma que existe “dois tipos de disseminação podem compreender ampla gama de informações que vão desde as políticas públicas adotadas até as que possam subsidiar os indivíduos e a sociedade civil no desenvolvimento de suas tarefas ou mesmo no acompanhamento e cobrança da própria atividade pública”. Atualmente existem diversos meios de disseminar uma informação ou conhecimento, seja ela através dos livros, redes sociais ou das mídias (Rádio, Televisão e Jornais), todos querem está bem informados.

Luhn (1961, p.132) e Eirão (2011, p. 30) citados por Lessa e Mota (2013, p. 4) definem a Disseminação Seletiva da Informação como um “serviço dentro de uma organização que se refere a canalização de novos itens de informação, vindo de quaisquer fontes para aqueles pontos dentro da organização, onde a probabilidade de utilização, em conexão com interesses ou trabalhos carentes”.

Lara e Conti (2003, p. 15) defendem que “disseminar informação supõe tornar público a produção de conhecimentos gerados ou organizados por uma instituição”. A noção de disseminação é comumente interpretada como equivalente a difusão, ou mesmo de divulgação. Assume formas variadas, dirigidas ou não, que geram inúmeros produtos e serviços, dependendo do enfoque, da prioridade conferida às partes ou aos aspectos da informação e dos meios utilizados para sua operacionalização. Em sua base existe um centro difusor – o produtor –, que a despeito do controle exercido sobre o que é disponibilizado, não tem garantias quanto aos usuários atingidos, ao sucesso das operações de divulgação e a aplicação efetiva das informações.

Atualmente as tecnologias de informação permitem que a informação chegue a qualquer lugar de forma a ampliar o universo de disseminação das informações governamentais, pode-se afirmar que atualmente existe um número de canais de informação à disposição das instituições e do público em geral, mas há segurança quanto a seu alcance: até porque a uma grande parcela da população não tem acesso à Internet.

“Não existe um conceito único de informação. Sua concepção varia de acordo com os aspectos selecionados. Numa abordagem pragmática, a informação pode ser distinguida como: processo (que se relaciona a alteração de um estado de

conhecimento); conhecimento (o que é comunicado, o que concerne a algum fato, evento ou assunto particular, o que reduz – ou aumenta– a incerteza); e "coisa" (atributo de objetos – documentos ou dados referidos como informação por serem considerados "informativos")” (LARA; CONTI, 2003, p. 20).

Cavalcanti (2012, p. 5.) afirma que “disseminar a informação usando as novas tecnologias é pensar na forma como é transmitida por meio de um sistema digital. Esta forma de apresentação contribui para que os documentos antigos e novos sejam digitalizados possibilitando a origem dos mesmos”. Para Cavalcanti (2012, p 6.) “os recursos de disseminação da informação na web passaram a ser mais interessantes a partir da passagem da web para a web 2.0, na qual houve um crescimento desta nova tecnologia tornando possível aos usuários uma ação recíproca da transformação dos conteúdos”.

Teixeira Coelho (1997 , p. 324) citado por Lara e Conti (2003) , referindo-se às políticas culturais, menciona a preocupação em relação a formação do público, que pode ser estendida a definição de políticas de informação.

“A formação do público (ou para nós, dos públicos) passa pela homogeneização de juízos de valor, reações e usos que atuam como denominadores comuns entre as pessoas que o constituem. Ignorar as nuances que conformam os vários públicos é, na melhor das hipóteses, continuar a conceber o usuário moldado a semelhança da instituição veiculadora de informacoes, isto é, um modelo moderno e iluminista” (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 324).

Lessa e Mota (2013 , p. 5) concluem que “as bibliotecas podem utilizar vários mecanismos para difundir informações, seja na forma verbal, textual, audiovisual ou via Internet. Tais mecanismos se enquadram naquilo que se pode denominar como Serviços de Alerta”. Nesse sentido, a literatura de cordel pode ser considerada uma fonte primária de disseminação da informação sobre a cultura popular nordestina, como será demonstrado a seguir.

1.3 A INFORMAÇÃO DISSEMINADA NA LITERATURA DE CORDEL

A palavra informação tem origem do latim *informare*, que significa "modelar, dar forma". Ela pode ser substituída por sinônimos como: referência, informe, ciência, dado, noção, notícia, conhecimento, aviso, participação, nota, memorando, comunicação, anúncio, mensagem, comunicado, parecer, relato, relatório, opinião, esclarecimento, explicação, apreciação, indicação. Segundo Capurro (2003, p. 156) O *Thesaurus Linguae Latina* (1900) possibilita referências detalhadas dos usos em latim de informativo desde Virgílio (70-19 A.C) até o século VIII. Existem dois contextos básicos, a saber, um tangível (*corporaliter*) e um intangível (*incorporaliter*). O prefixo *in* pode ter o significado de negação como em *informis* ou *informitas*. Informação é a reunião ou o conjunto de dados e conhecimentos organizados, que possam constituir referências sobre um determinado acontecimento, fato ou fenômeno, também refere-se ao esclarecimento do funcionamento de um determinado processo ou de um objeto, por exemplo, para saber como funciona uma máquina de lavar roupa, você precisa ter acesso ao manual de instruções, que contém informações sobre o funcionamento do aparelho.

Capurro (2007, p 148) afirma que

“O conceito de informação como usado na linguagem cotidiana, no sentido de conhecimento comunicado, tem um importante papel na sociedade contemporânea. Este conceito ganhou relevância principalmente a partir do final da segunda guerra mundial com a disseminação global do uso das redes de computadores. O nascimento da ciência da informação (CI), em meados dos anos cinquenta, testemunha este fato”.

O conceito de informação no sentido do cotidiano e da comunicação desempenhou um importante papel na sociedade contemporânea graças a disseminação das redes de computadores desde a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, Capurro (2003, p. 149) ainda afirma que “o conhecimento e a sua comunicação são fenômenos básicos de toda sociedade humana, e o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação”. A informação também se configura em um recurso que atribui significado a realidade mediante seus códigos e o conjunto de dados, sendo capaz de dar origem a formação do pensamento humano. Em relação as múltiplas discussões sobre o conceito nas mais distintas áreas, Capurro (2003) diz que muitas “teorias e abordagens em CI têm suas origens em outras áreas como na área jurídica, a informação é o conjunto de dados que podem ser caracterizados como prova de uma infração, além de poder conhecer a autoria de quem o cometeu, o conceito

epistemológico da informação põe em xeque os processos de informação não-humanos na física e na biologia, assim também como nos processos psíquicos e sociológicos de seleção e interpretação.

Já nas áreas da informática e da tecnologia, a informação pode ser a reunião dos dados processados em um computador e que são capazes de gerar resultados para um determinado projeto. Atualmente quase toda área do conhecimento científico usa o conceito de informação dentro do conceito com relação a fenômenos específicos.

“Tendo se iniciado como como uma visão objetiva a partir do mundo da teoria da informação e da cibernética, a CI tem-se voltado para os fenômenos de relevância e interpretação como aspectos básicos do conceito da informação. Esta mudança não é de forma alguma, um retorno a uma teoria subjetivista, mas uma avaliação das diferentes perspectivas que podem determinar, em um contexto particular, o que esta sendo considerado informativo” (CAPURRO, 2003, p. 150).

Os diferentes conceitos de informação dentro da com uma abordagem subjetiva e objetiva. Capurro (2003, p. 154) afirma que “a palavra informação – e combinações como recuperação de informação e centro da informação – tem, definitivamente, contribuído para elevar a opinião pública sobre o trabalho da biblioteca e da documentação, que é geralmente tido como sendo desinteressante, poeirento e distante do que realmente está acontecendo na sociedade”. A informação está constituída por um grupo de dados supervisionados anteriormente e ordenados, que servem para formar uma mensagem baseado num certo fenômeno ou acontecimento. A informação precisa nos permitir tomar decisões e resolver problemas, devido ao seu aproveitamento racional que é a base do próprio conhecimento. Ao longo da história, a forma de armazenamento e acesso a informação sofreram variações na chamada Idade Média, o acervo principal de informação se concentrava nas bibliotecas que se formavam, funcionavam e se conservavam nos mosteiros, quando começou a Idade Moderna, com o nascimento da imprensa, começou-se a fabricar livros em série e com isso, melhorando as formas da informação, surgiu o jornal.

“Esta transição da Idade Média para a Modernidade no uso do conceito de informação – de dar uma forma (substancial) à matéria para comunicar alguma coisa a alguém – pode ser detectada na filosofia natural de René Descartes (1596- 1650), que chama as ideias de formas do pensamento, não no sentido de que estas são retratadas (depictae) em alguma parte do cérebro, mas na medida em que elas informam o próprio espírito voltado para esta parte do cérebro” (CAPURRO, 2003, p. 158).

E o conceito de informação deixou de ser um conceito abstrato até o surgimento da teoria da informação no século XX. Segundo Capurro (2003, p. 162)

“No século XX, a controvérsia filosófica sobre o conceito de informação teve sua origem na cibernética, porque os conceitos de comunicação e informação foram concebidos em um alto nível de abstração e não reduzidos a comunicação do conhecimento humano como expresso pela famosa frase de Norbert Wiener (1961, p.132): Informação é informação, não matéria ou energia. Nenhum materialismo que não admita isto pode sobreviver na atualidade”.

No século passado, apareceram os meios de comunicação em massa, como o rádio e a televisão, e as ferramentas digitais que proporcionaram o aparecimento e o desenvolvimento da internet. No Brasil, a Lei 12.527/2011 regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas, ela cria mecanismos que possibilitam que qualquer pessoa, física ou jurídica, possam ter acesso às informações públicas dos órgãos e entidades governamentais o que configura um outro paradigma no uso da informação, denominado de paradigma social. A palavra “Paradigma” vem do Grego *paradeigma* que significa modelo ou padrão, correspondendo a algo que vai servir de modelo ou exemplo a ser seguido em determinada situação. O paradigma seria o conjunto de elementos linguísticos que podem ocorrer no mesmo contexto ou ambiente. Atualmente no seio do paradigma social da Ciência da informação, a informação é vista a partir de um conjunto de conceitos, valores, percepções e práticas compartilhadas por uma comunidade e que produz uma maneira particular de ver a realidade, dando base para que esta se organize. Segundo Capurro (2003, p. 168)

“Os limites do paradigma cognitivo se apóiam precisamente na metáfora, ou *pars pro toto*, de considerar a informação, ou como algo separado do usuário localizado em um mundo numênico, ou de ver o usuário, se não exclusivamente como sujeito cognoscente, em primeiro lugar como tal, deixando de lado os condicionamentos sociais e materiais do existir humano”.

Segundo Moreira e Duarte (2015, p 171-2) para resolver algumas questões do paradigma físico que não eram considerados pela abordagem cognitiva destacando os condicionamentos sociais e materiais do existir humano e para ampliar estas perspectivas de estudo, emergiu um terceiro paradigma na Ciência da Informação o paradigma social, que teve como marco histórico o *I CoLI- International Conference on Conceptions of Library and Information Science* (1992) que foi realizado na Filândia.

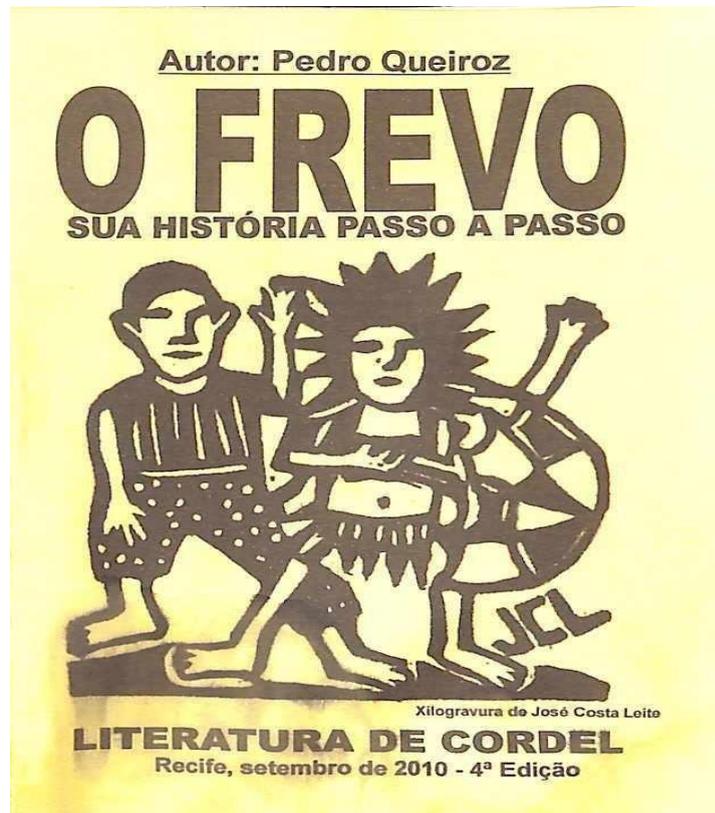
“O principal avanço deste terceiro paradigma foi o reconhecimento de que o sujeito faz parte de um contexto social, agindo sobre o mesmo e sofrendo interferências deste espaço. Em constante interação, os seres são reconhecidos pelo paradigma social enquanto “produtores de sentido, que se articulam em comunidades diversas, de diferentes naturezas: profissionais, étnicas, religiosas, sexuais, políticas, econômica e diferentemente do paradigma físico, o terceiro paradigma da Ciência da Informação não reconhece enquanto o usuário somente cientistas e pesquisadores, mas sim uma ampla gama de indivíduos” (MOREIRA; DUARTE, 2015, p. 172).

Nas palavras de Ferreira da Silva (2012, p. 48) “o ser humano é dotado de conhecimento, saberes que o acompanham por toda sua vida. Cada indivíduo difere no que diz respeito ao desenvolvimento dos seus conhecimentos. Da mesma forma também variam as informações de cada campo do saber, e os modos pelos quais os intelectuais de cada área criam seus conceitos” o cordel já é considerado por muitos estudiosos da área da CI como uma fonte de informação, apesar de ser uma fonte informal o cordel já era usado como um meio informativo pelo qual muitos leitores se informavam por esses pequenos livrinhos de 16 cm por 10 cm.

Os versos de cordel deixaram de tratar apenas sobre lendas e histórias do povo e passou a tratar de temas da atualidade como política, religião, futebol e vários temas da atualidade, o que difere do fato contado no cordel da notícia do jornal é, basicamente, o uso da linguagem. Enquanto no jornal o fato é noticiado de uma maneira imparcial com uma linguagem mais formal, na literatura de cordel esse mesmo fato é noticiada com uma linguagem coloquial onde o cordelista trata o tema com inferências, com ironia e sarcasmo e muitas vezes com um tom de humor fazendo também críticas a determinados temas.

O fato é que um jornal e um folheto de cordel podem noticiar um mesmo fato mas de maneiras completamente diferentes como veremos a seguir. No cordel “O Frevo” o cordelista Pedro Queiroz fala sobre a história do frevo, em 8 páginas ele fala com uma linguagem típica do cordel. Conta a história desse ritmo pernambucano como seu surgimento, os passos, os compositores e as variações do frevo.

Figura 1 - Codel "O frevo: sua história passo a passo, de Pedro Queiroz. Recife, Pernambuco – Brasil.



Fonte: Acervo Pessoal

Tem o passo Saca-Rolha,
 O Tesoura, Dobradiça,
 Pisando em Brasa, Saci,
 Que a Todos enfeitiça
 O Parafuso, o Pernada...

Esse trecho tirado do cordel "O Frevo" fala sobre os passos desse ritmo, já nos jornais esse mesmo assunto também é noticiado, porém com uma linguagem mais formal e parcial, nota-se a diferença desse trecho tirado do cordel e da notícia a seguir.

Frevo Canção é poético E
 com bela harmonia
 E a poesia no Frevo Recheada
 de alegria, Com vozes bem
 afinadas No "coração" da
 folia
 O Frevo-de-Bloco é lírico, Da
 saudade, os "pedacinhos" Entoadado
 por clarinetes, Violões, banjos,
 cavaquinhos, E um coro feminino,

Emoldura seus caminhos.
 Frevo-de-Rua, o que agita, É o tipo
 “furacão” Predominando os metais;
 Trombone, sax. Pistão...
 O folião dança o passo No meio da
 multidão

Figura 2 - Notícia do site G1.comPE. Recife, Pernambuco – Brasil.

MENU G1 CARNAVAL 2018 EM PERNAMBUCO BUSCAR

Passistas dançam frevo no ar e até de cabeça para baixo para receber turistas no Recife

Balé aéreo e atores que usam pernas de pau fazem parte de ação realizada no aeroporto da capital pernambucana.

Por G1 PE
 07/02/2018 14h35 · Atualizado há 9 meses

Facebook Twitter WhatsApp LinkedIn Pinterest

Fonte: Site G1 PE.

No cordel a temática é tratada como o uso de rimas e com ênfase em algumas palavras, no jornal essa mesma notícia é estruturada de maneira diferente. O jornalista descreve sobre os 3 tipos de frevos de maneira clara e bastante formal, no cordel o cordelista utiliza poucas palavras pra descreve os 3 tipos de frevo (bloco, rua, canção), por outro lado, assim como no jornal, também escreve de uma maneira bastante clara.

“Entre outros, cito Capiba, Nelson
 Ferreira, barluarte, O grande Edgar
 Morais”

Nesse pequeno trechinho o cordelista cita alguns compositores do frevo, percebe-se que o cordelista faz uma saudação ou uma admiração, enquanto nos jornais esse mesmo fato é noticiado de maneira imparcial, onde o jornalista não expressa sua admiração, somente trata a notícia contando um pouco sobre cada um deles.

Como já foi falado antes, nos dias de hoje a literatura de cordel conta fatos do nosso cotidiano como, por exemplo, o futebol que é uma paixão nacional.

Alguns cordelistas começaram a produzir cordéis falando sobre times de futebol, um exemplo disso é o cordel “Sport Campeão 2014 “Frescando”, esse cordel foi escrito pelo cordelista pernambucano Davi Teixeira e fala sobre final do Campeonato Pernambucano em 2014 onde o time do Sport foi campeão. Na época os jornais noticiaram o título do time rubro negro.

Figura 3 - Notícia sobre o título do Sport no Campeonato Pernambucano de 2014. Recife, Pernambuco – Brasil.

The image shows a screenshot of a news article from G1 Pernambuco. At the top, there is a navigation bar with links for 'globo.com', 'g1', 'globoesporte', 'gshow', and 'videos'. On the right, there are options for 'ASSINE JÁ', 'MINHA CONTA', 'E-MAIL', and 'ENTRAR'. Below this is a green header with a 'MENU' icon, the 'ge' logo, and the text 'CAMPEONATO PERNAMBUCANO'. A search bar with the word 'BUSCAR' is also present. The main content area shows the location 'São Lourenço da Mata, Pernambuco / Arena Pernambuco' and the date 'Quarta-Feira, 23/04/2014 - 22h05'. The score is displayed as 'Náutico 0 x 1 Sport'. Below the score, it says 'Final'. The main headline is 'SPORT BATE NÁUTICO NA ARENA, MANTÉM TABU E FATURA 40º TÍTULO PERNAMBUCANO'. A sub-headline reads: 'Rubro-negro volta a vencer, agora por 1 a 0, e toma-se o primeiro a festejar um título na Arena PE. Desde 1968, Leão leva a melhor sobre rival em finais'.

Fonte: Site G1 Pernambuco.

“A torcida do Sport se antecipou ao apito final. Soltou o grito de campeão espontâneo, aos 31 minutos do segundo tempo. Consequência imediata do gol de Durval. Obrigado a vencer, o Náutico não teve mais forças para virar o placar. E o xerife subiu alguns degraus no patamar de ídolo da torcida rubro-negra. O desvio de cabeça, após falta cobrada por Ailton, garantiu a vitória por 1 a 0 sobre o Timbu na Arena Pernambuco”. Globo Esporte Final do campeonato Pernambucano.

Esse trecho logo acima foi tirado da pagina do Globoesporte.com e trata sobre o jogo da final entre Náutico e Sport. Observa-se agora o mesmo tema como é representado nos versos de cordel.

Figura 4 - Cordel "Sport campeão: frescando, de Davi Teixeira. Recife, Pernambuco – Brasil.



Fonte: Acervo pessoal

Gol do título saiu Da cabeça de
 Durval
 Todos foram importantes Ele foi o
 principal
 O capitão cangaceiro Da taça
 estadual.
 Com orgulho o capitão Durval
 levantou a taça Pra os torcedores
 verem Que foi com suor e raça

Diferente do site do Globo Esporte nos versos de cordel o cordelista rasgou elogios ao jogador do Sport Durval, enquanto no jornal eles foram imparciais. “Na cobrança da falta, Ailton mandou com efeito e o capitão Durval desviou de cabeça, de costas para a trave. Bola na rede, 1 x 0 no primeiro gol do xerife na temporada”¹.

O Durval com um belo gol
 Desmontou completamente
 Os jogadores do náutico Vão lembrar
 eternamente Não sabiam se recuava
 Ou se partiam pra frente
 O zero a zero já dava E era
 suficiente Somente para frescar
 Para alegria da gente
 Ganhamos de um a zero Eu fiquei
 muito contente

¹ Disponível em <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes>

No exemplo acima temos um trechinho de uma reportagem tirada do Diário de Pernambuco onde fala do gol de Durval que garantiu o título do Sport e o outro são 2 trechos do cordel que falam sobre o mesmo assunto, nota-se que no trecho do cordel o cordelista usa a rima pra narrar o gol de Durval, além disso, alfineta os jogadores do Náutico e expressa a sua felicidade com o título do Sport levando a crer que o cordelista é torcedor do time, já na reportagem do Diário de Pernambuco eles usam da imparcialidade.

A diferença entre o que é noticiado em um site de notícia e um cordel é extrema, enquanto em um site de notícia ou jornal impresso a notícia é dada de forma imparcial e com uma linguagem bastante formal, no cordel o cordelista usa da ironia e do sarcasmo ao provocar a torcida do Náutico e deixa bem claro que estava feliz pelo título conquistado pelo Sport, coisa em que nenhum jornal faria. Nos exemplos mostrados é possível notar que o mesmo fato é noticiado em um jornal e de maneira diferente no cordel. O cordel informa seus leitores com uma linguagem do povão, ao mesmo tempo que uma pessoa ler um cordel ela se informa e se diverte graças ao humor e também em alguns casos as alfinetadas do próprio cordelista como por exemplo, nesse cordel do Sport onde o cordelista Davi Teixeira provoca a torcida rival.

O cordel também escrito por Davi Teixeira e intitulado de “Dengue-Laden: o mosquito terrorista” fala sobre a prevenção e o combate ao mosquito da dengue, onde o cordelista conscientiza os seus leitores sobre a importância do combate ao mosquito e o compara a um terrorista. Nesse cordel informativo o cordelista por meio das rimas do gênero explica como deve ser feito para eliminar os locais de prorrogação do mosquito.

Figura 5 - Cordel “Dengue-Laden: o mosquito terrorista” de Davi Teixeira. Recife, Pernambuco – Brasil.



Fonte: Acervo pessoal

Se tiver planta no jarro
E com agua bem limpinha
Substitua por terra
Ensine para vizinha
Acabando com as larvas
Na sala, quarto, cozinha.

Figura 6 - Notícia do site G1.



Brasil tem queda de até 60% nos casos de doenças do Aedes, mas dengue ainda atinge 193 mil pessoas

Redução compreende dados deste ano até agosto em comparação com o mesmo período de 2017. Juntas, as doenças transmitidas pelo mosquito mataram 117 pessoas em 2018.

“Coloque areia no prato das plantas ou troque a água uma vez por semana. Mas não basta esvaziar o recipiente. É preciso esfregá-lo, para retirar os ovos do mosquito depositados na superfície da parede interna, pouco acima do nível da água. O mesmo vale para qualquer recipiente com água”. Disponível em G1.com

Nesses techos pode-se ver que o mesmo tema aparece na notícia e no cordel. Nos versos do cordel, ensina-se uma das maneiras de eliminar os focos do mosquito da dengue que é retirando a água parada de vasos de plantas, ele ainda incentiva as pessoas a trabalharem juntos pra acabar com o mosquito. Já no site de notícia também é ensinado a eliminar a água parada de vasos de plantas e a eliminar outros focos do mosquito em residências. Fazendo uma comparação entre eles nota-se que o assunto é retratado de modo diferente, no cordel o autor usa as rimas para chamar atenção dos leitores sobre a dengue, já no site do G1 eles usam a linguagem formal explicando como eliminar uns dos focos da dengue, sendo que no cordel o leitor é conscientizado sobre os riscos da dengue, o que torna o cordel informativo assim como um jornal.

Não faça desse mosquito
Bicho de estimação
Tampe bem a caixa d'água
Fazendo uma boa ação Derrotar
o Dengueladen Essa é a nossa
missão.

Ele é um mosquitinho Mas
causa destruição Na água
parada e limpa Sempre faz a
criação
E fique muito esperto
Não duvide dele não
(TEIXEIRA, 2018)

“Elimine tudo que pode acumular água – água parada é um dos maiores atrativos; vede as caixas d'água e recipientes que guardam a água; e cuide dos potenciais criadouros que não podem ser eliminados” (G1, 2018).

Nesses trechos eles falam sobre a importância de eliminar o foco do mosquito de caixa d'água, sendo que no cordel o cordelista compara o mosquito a um terrorista e convoca todos em uma missão pra acabar com o mosquito, enquanto no trecho tirado do G1 o editor fala somente sobre a importância de tampar bem a caixa d'água para evitar possíveis criadores do mosquito da dengue. Mais uma vez a diferença entre o cordel e o jornal está no modo como é transmitida a informação. Enquanto no jornal ele só fala sobre a prevenção no cordel o cordelista além de falar sobre a prevenção, ele também convoca todos a uma missão que é acabar com o mosquito da dengue.

Não tô dormindo direito
Só de pensar ser picado
E sentir febre com dor
Com o corpo avermelhado
Por causa desse mosquito
Posso ficar internado.
(TEIXEIRA, 2018)

“Febre, dores de cabeça, atrás dos olhos, nos músculos, além de um cansaco intenso, enumera Thaís Guimarães, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia. Os sinais costumam aparecer de sete a quinze dias após a picada sendo a febre e a dor de cabeça os primeiros e podem durar até uma semana” (G1, 2018).

Mais um exemplo de informação retratada de forma diferente em mabos os gêneros, no cordel o cordelista usa da ironia e do sarcarmo pra explicar um dos sintomas da dengue, enquanto no site de notícia a informação aparece de maneira mais objetiva, clara e explicativa em relação aos sintomas da dengue, ou seja, o leitor pode obter informações sobre a dengue tanto no jornal quanto no cordel, a diferença mais uma vez está no modo como é configurada essa informação. Enquanto no jornal a informação é divulgada de maneira mais clara no cordel essa mesma informação é passada de forma irônica e sacástica.

Os cordelistas também começaram a produzir cordéis biográficos, ou seja, versos de cordel contando a vida de alguma personalidade. Como exemplo trazemos o “Luiz Gonzaga: O Filho de Januário” escrito por Davi Teixeira, o cordel conta a vida do rei do baião através das rimas e com a linguagem tipicamente nordestina.

²Disponível em saude.abril.com.br/medicina/

Figura 7 - Cordel “Luiz Gonzaga: o filho de Januário”, de Davi Teixeira. Recife, Pernambuco – Brasil.



Fonte: Acervo pessoal

Foi na fazenda Caiçara
 Eu digo pra o senhor
 Januário sanfoneiro
 E também consertador
 De oito baixos, o fole
 O cabra não era mole
 E ainda fez o cantor

Ainda nessa fazenda
 Dia de Santa Luzia
 Foi em treze de dezembro
 Teve festa nesse dia Forró e
 muita bicada
 Indo até de madrugada
 Só porque Luiz nascia

Figura 8 - Notícia do Globo News. Recife, Pernambuco – Brasil.

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | videos

NEWS
Nunca desliga.

Dorflex
2
saiba mais

Vídeos ▾ | Programação | Interatividade ▾ | Aplicativos ▾ | Grupo Globo ▾

Edição do dia 01/08/2014
01/08/2014 12h21 - Atualizado em 01/08/2014 12h21

Há 25 anos, Brasil perdia o talento de Luiz Gonzaga, o eterno rei do baião

Músico é um dos artistas com mais discos vendidos na história do país. Ele é autor dos clássicos 'Asa branca', 'Baião' e 'Qui nem jiló'.

Fonte: Site da Globo News

“Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Caicara, em Exu, Sertão de Pernambuco, no dia 13 de dezembro de 1912. Filho de Januário José dos Santos, o mestre Januário, "sanfoneiro de 8 baixos" e Ana Batista de Jesus”.
Disponível em https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/

Ambos os textos acima tratam de aspectos biográficos sobre Luiz Gonzaga, sobre o nascimento do rei do baião. No cordel o cordelista fala através das rimas o nascimento de Luiz Gonzaga citando o nome do seu pai Januário, ele entoa com emoção o nascimento de Gonzaga do vocabulário nordestino, enquanto no site trata sobre o nascimento de Gonzaga citando também os seus pais utilizando uma linguagem formal.

Oito anos de idade
Já tinha o seu dinheiro
Fazendo apresentação
Tava nascendo um guerreiro
(TEIXEIRA, 2013)

“Passou toda a sua infância ao lado do pai, acompanhando-o desde os oito anos de idade aos bailes, onde o ajudava a tocar sanfona”³

³ Disponível em fundaj.gov.br

Nos trechos acima retirados do cordel e do site da fundação Joaquim Nabuco, pode-se ver o tema da infância de Luiz Gonzaga que começou a tocar sanfona aos oito anos de idade e já se apresentava junto com o pai. No cordel o cordelista elogia o sanfoneiro, enquanto no texto da Fundaj apenas narra a infância de Luiz Gonzaga, nota-se que no cordel o cordelista deixa claro sua admiração pelo rei do baião, enquanto no site da Fundaj a informação é materializada com mais imparcialidade.

Com quase dezoito anos
Luiz Gonzaga queria
Namorar uma donzela
E falou no mesmo dia Foi
no sábado de feira Ele caiu
na besteira Quase entrou
numa fria

Quando ele chegou em casa Sua
mãe chamou no canto Deu-lhe
uma grande surra Que ele fugiu
em prantos Passou vários anos
fora

E Gonzaga foi embora
Dali todo jururu
Em cima de um caminhão
Deixando o sertão, Exu
(TEIXEIRA, 2013)

“Em 1929, com 17 anos, por causa de um namoro proibido pela família da moça e de uma surra que levou da mãe, Luiz fugiu para o mato. Mas a fuga maior foi quando deixou a casa para uma festa no Crato, no Ceará. Luiz Gonzaga vende sua sanfona e vai para Fortaleza”⁴

Nessa reportagem retirada do site ebiografia fala sobre quando Luiz Gonzaga brigou com os pais por causa de um namoro proibido e fugiu de casa, tanto o verso de cordel quanto da ebiografia falam sobre esse fato sendo que no cordel o cordelista usa uma linguagem coloquial, enquanto no site ebiografia usa a linguagem mas formal. Tanto o cordel quanto o site ebiografia retratam o mesmo fato o que diferencia é o modo como é transmitida a informação, sendo que o cordel fala sobre a vida de Luiz Gonzaga com uma linguagem falada pela população com o uso do vocabulário popular.

⁴Disponível em https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/

Serviu nas forças armadas
 Dando contribuição
 Ele foi o corneteiro
 Cumpriu sua obrigação
 Esse artista brasileiro
 Foi valente e verdadeiro
 Essa é a minha opinião
 (TEIXEIRA, 2013)

“Fugiu a pé até o Crato, no Ceará, alistando-se no Exército. Com a eclosão da Revolução de 30 viajou por todo o país com sua tropa. No Exército, ficou conhecido como o Corneteiro 122”⁵

Esse exemplo logo acima mostra o mesmo fato quando Luiz Gonzaga fugiu de casa, após brigar com os pais e foi para o Ceará onde acabou se alistando no exército, a diferença mais uma vez está no modo como essa informação foi dada, no folheto o cordelista elogia Gonzagão o chamando de guerreiro e expressando sua opinião, enquanto no site da fundaj a informação foi arquitetada de modo imparcial.

E quando Luiz saiu
 Do serviço militar
 Foi pro Rio de Janeiro
 Começou logo a tocar
 Pois o melhor tocador
 Na safona foi doutor
 Vira e mexe pra lascar

Ele tocava forró
 Sempre tava em ação
 Em palco improvisado
 Para grande multidão
 (TEIXEIRA, 2013)

“Em 1939, Luiz Gonzaga deixa o Exército, foram nove anos sem dar notícias à família. Enquanto esperava o navio para voltar para Pernambuco, Luiz ficou no Batalhão de Guardas do Rio de Janeiro, quando um soldado o aconselhou a ganhar dinheiro tocando na cidade. Logo, Luiz estava tocando nos bares do Mangue, nas docas do porto, nas ruas em busca de trocados. Acabou sendo convidado a tocar nos cabarés da Lapa”.⁶

Nos trechos acima tirados do cordel e do site ebiografia, narram o momento em que Luiz Gonzaga deixou o exército e foi mora no Rio de Janeiro, onde começou a tocar nas ruas e logo depois começou a fazer pequenos shows em casas de festa.

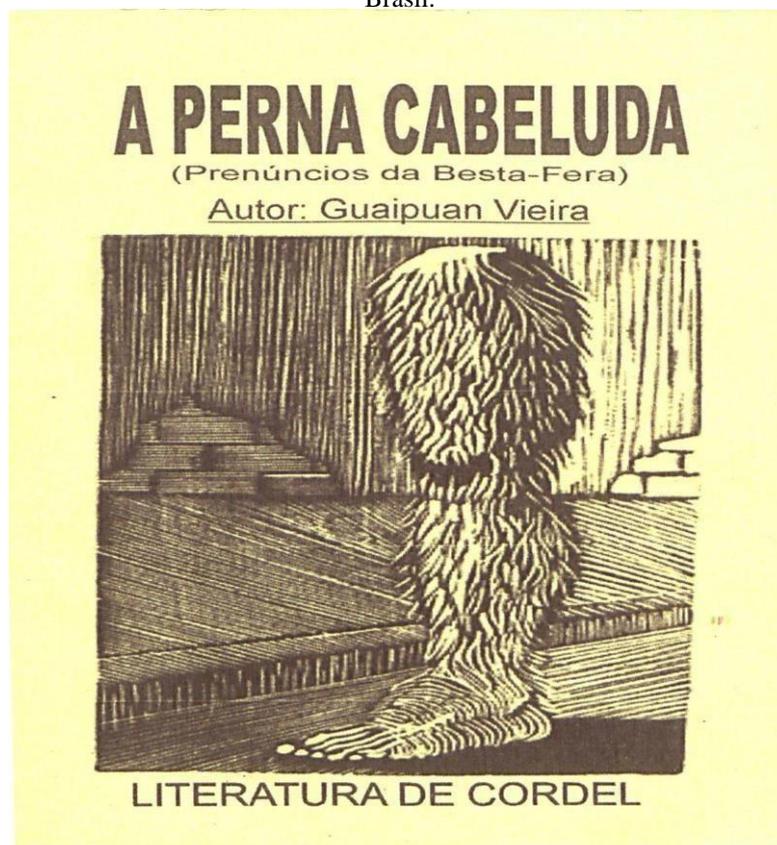
⁵ Disponível em fundaj.gov.br

⁶ Disponível em <https://www.ebiografia.com>

As duas fontes retratam a mesma informação, mas com algumas diferenças, principalmente na linguagem, enquanto no cordel é usado uma linguagem coloquial, no site ebiografia é usada uma linguagem mais formal e imparcial.

O cordel é um tipo de literatura que pode contar as mais variadas histórias, desde contos do Sertão até lendas urbanas, como por exemplo a lenda da Perna Cabeluda, uma lenda urbana muito conhecida no Recife. No cordel escrito por Guaipuan Vieira, ele descreve em detalhes essa história surreal.

Figura 9 - Cordel “A perna cabeluda: prenúncio da besta-fera”, de Guaipuan Vieira. Recife, Pernambuco – Brasil.



Fonte: Acervo pessoal

É um bicho hoppilante
 Que na noite entra em ação
 Tem dois metros de altura
 E pula como canção
 No joelho tem um olho
 Aceso que nem tição.

O nariz é bem pontudo
 Além da boca rasgada
 As pressas são dum felino
 Língua com a ponta cortada
 Tem barbicha que nem bode
 Cada unha é envergada.

Faz um barulho medonho
 Como de um chocalho de cobra
 É o rangido dos dentes
 Da energia que sobra
 Limpa o nariz com a língua
 Dança fazendo manobra.

Ainda tem no calcanhar
 Um afinado esporão
 Cuja cor avermelhada
 Reluzente a um medalhão
 No tornozelo uma gola
 Como se estivesse em prisão

Na canela tem um chifre
 Como uma luz bem na ponta
 Uma espécie de lanterna

Figura 10 - Narração do Recife Assombrado. Recife, Pernambuco – Brasil.

The image shows a screenshot of the website 'O Recife Assombrado'. The website has a dark theme with white text and icons. At the top, there are social media icons for Facebook, Twitter, Instagram, and a search icon. The main navigation menu includes 'CONTOS', 'ASSOMBRAÇÕES', 'QUADRINHOS', 'ASSOMBRADO TV', 'LOJA', and 'BLOG'. The central part of the page features the title 'Assombrações' in a large, stylized font. Below this, there is a featured article titled 'A Medonha Perna Cabeluda' with a date of '08.23.2015' and a description: 'Tudo o que você queria saber sobre a lenda urbana mais cabulosa do Brasil e tinha medo de perguntar...'. To the right of the featured article, there is a 'MODOS DE LEITURA' toggle and a 'POSTS RECENTES' section listing recent content: 'SE CONTO NINGUÉM ACREDITA', 'O CABOCLO D'ÁGUA ASSOMBRA NOVA HQ', and 'ENCONTRO DE CAÇADORES DE ASSOMBRAÇÕES'.

“E se exagero nos adjetivos é porque talvez não existam substantivos capazes de descrever como é topar com a Perna Cabeluda. Afirmavam terem visto o pé grosseiro de unhas podres e longas. Na maioria das vezes, falavam que canela, joelho e coxa eram cobertos de pelos ensebados e negros. Mas as descrições sobre a famigerada assombração variavam – cada pessoa que a encontrava (ou a imaginava) acrescentava outros detalhes macabros”⁷.

⁷ Disponível em <http://www.orecifeassombrado.com/assombracoes/a-medonha-perna-cabeluda/>

Os trechos acima foram retirados do cordel “A perna cabeluda” e do site Recife assombrado e mostra que as duas fontes tratam do mesmo fato. Ambos descrevem com detalhes o que seria a perna cabeluda. No cordel a perna cabeluda é retratada com um certo exagero, por parte do cordelista, enquanto no site Recife assombrado esse fato é tratado de acordo com relatos de pessoas e de forma mais objetiva.

Quem viu conta que a perna
Chega mansa e de repente
Cisca o chão e fala coisas

Por onde passa o vivente
Fica imobilizado
Falta as pernas pra correr
E um momento aperreado

“A fuga desesperada começa, mas é inútil. Num abrir e fechar de olhos, vem a rasteira que leva o sujeito ao chão e depois os fortes chutes. O massacre termina com ele quase desmaiado, estirado rente ao meio-fio, entre gemidos e choramingos não deixa de ser inteira no quesito “perversidade”: além do pânico, também causa hematomas, escoriações, às vezes quebra ossos de quem lhe cruzar o caminho, seja homem ou mulher, jovem ou velho”⁸.

Nos trechos acima, relatam as pessoas que encontraram a perna cabeluda na rua, enquanto no cordel o relato são apenas de pessoas que já cruzaram na rua com a criatura. No site do Recife assombrado é falado como ocorria o ataque da perna cabeluda as pessoas, além disso no cordel é empregado o uso de gírias, enquanto no site a linguagem é mais formal, ou seja o que difere o cordel do site é o modo como é disseminado aquela informação e a linguagem também o que diferencia as duas fontes.

Fez a mulher que trair marido
Mudar seu comportamento
Ser caseira e boa esposa
Religiosa a contento
Da mesma forma o traído
Esquecer o sofrimento

Fez cabra namorador
Esquecer o pé de muro
O farrista voltar cedo
Prevenindo mais seguro
Com medo de ver a perna
E passar por tal apuro.

⁸Disponível em <http://www.orecifeassombrado.com/assombracoes/a-medonha-perna-cabeluda/>

“O fato é que a Perna Cabeluda virou assunto de tantas e tantas conversas, mesmo entre aqueles que torciam o nariz para tamanho absurdo. A maioria, no entanto, passou a tomar mais cuidado ao sair à noite. Nada de cruzar becos escuros ou ficar sozinho nas paradas de ônibus. Falou-se inclusive que moças frequentadoras de lugares de “dança” (como o Clube das Pás, no bairro de Campo Grande) eram as mais ameaçadas – aparentemente, a moral conservadora tentava pegar carona na onda de pavor vista como mais um sinal do fim do mundo” .⁹

Nos trechos relatam o pavor das pessoas de andarem na rua à noite com medo de serem atacados pela perna cabeluda, onde várias pessoas mudaram sua rotina noturna ou deixaram de sair à noite. As duas fontes tratam do mesmo tema sendo que no cordel fala de certas pessoas que mudaram de comportamento por causa do pânico gerado com a história da perna cabeluda, já no site fala que algumas pessoas mudaram sua rotina ou deixaram de sair a noite com medo da tal perna cabeluda, além da linguagem usada que diferem um do outro. Enquanto o cordel é usado a ironia e o sacasmo ao se referir a algumas pessoas no site o fato é dado de maneira imparcial e com relatos verdadeiros.

Nos exemplo elencados acima, fica claro que informação materializada no cordel ou em outros gêneros informativos o que diferencia um do outro é a linguagem utilizada. No cordel o uso da linguagem coloquial na maioria das vezes o cordelista usa da ironia do humor e do sacasmo para passar aquele fato aos seus leitores, enquanto no jornal impresso ou em site de notícia a informação é dada de forma imparcial e com o uso da linguagem mais formal.

⁹Disponível em <http://www.orecfeassombrado.com/assombracoes/a-medonha-perna-cabeluda/>

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto principal dessa pesquisa foi a literatura de cordel tratada como uma fonte de informação primária que está ligada a cultura popular. Portanto, nossos principais objetivos eram discutir a literatura de cordel como uma fonte de informação, caracterizar o cordel como cultura popular e analisar diversas fontes de informação que fala sobre a disseminação da informação na cultura popular.

No Brasil o cordel ganhou grande popularidade no Nordeste e que surgiu os primeiros cordelistas brasileiros e seus versos contavam histórias e lendas desse povo. Com o passar dos anos o cordel se espalhou por outras partes do Nordeste e do Brasil ganhando mais leitores e novos cordelistas passando a retratar outros fatos e diversos tipos de informação.

O cordel deixou de ser apenas um folheto com lendas e histórias do sertão Nordestino e acabou virando uma nova fonte de informação, a partir do documento que integrou em suas narrativas os fatos do cotidiano. Assim, configura-se como um meio de informação para pessoas que não tem acesso a mídia tradicional, além do fato de que nas rimas do cordel a linguagem empregada é mais próxima da linguagem popular, com o uso de gírias tipicamente nordestinas e que na maioria das vezes o cordelista usa do humor, da ironia e do sarcasmo ao tratar aquele fato e ao transmitir informações.

Em setembro de 2018 a literatura de cordel foi reconhecida como patrimônio cultural e imaterial do Brasil, o título foi reconhecido pelo Conselho Consultivo do Iphan (Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que reconheceu o cordel como Patrimônio Cultural Brasileiro durante um evento no Rio de Janeiro.

Deste modo, fica evidente a importância desse artefato cultural na nossa sociedade e conclui-se que mesmo ainda pouco estudado na área de Ciência da Informação, este se caracteriza como meio de informação, uma fonte de informação eficiente na disseminação da informação sobre a cultura popular nordestina e assim como um jornal ou site de notícia, ele também informa seus leitores, mas de uma maneira mais informal, quando comparado com uma notícia de um determinado jornal, como já foi mostrado nas análises.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Neto Atilio. **Bakhtin e os Gêneros Primários e Secundários do Discurso**. [homepage da Internet]. Disponível em:> <https://www.webartigos.com/artigos/bakhtin-e-os-generos-primarios-e-secundarios-do-discurso/115061/><. Acessado em: 17 de maio de 2018
- CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. [homepage da Internet]. Disponível em:> http://www.capurro.de/enancib_p.htm<. Acessado em: 23 de Outubro de 2018
- CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A Atualidade da Literatura de Cordel**. [Repositório Institucional da Universidade Federal de Pernambuco]. Disponível em:> <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7728><. Acessado em 26 de março de 2018.
- CORREIA, Ana Elizabeth Galvão Coutinha; SILVA, Edna Lucia; ROCHA, Enivaldo Carvalho. **A Disseminação da Informação Científica na UFPE**. Repositório Institucional da UFPE, 2008. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/><. Acesso: em 26 de mar de 2018.
- SILVA, Vania Ferreira. **Informação e Memória na Literatura de Cordel**: Repositório Institucional da UFPE, 2012 .Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/>. Acessado em: 25 mar. 2018.
- SILVA, Thiago Paulino. **Cordel Informativo: Tecendo a Trama Entre Cultura Popular e Cultura Midiática**. [Repositório Institucional da UFPE, 2007]. Disponível em < <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/>. /> Acessado em: 26 mar. 2018.
- GAUDÊNCIO, S. M. R.; BORBA, M. S. A. **O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no rio grande do norte**. Biblionline, v. 6, n. 1, p. 82-92, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9196>>. Acesso em: 06 out. 2016.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. São Paulo em perspectiva, v. 17, n. 3-4, p. 26-34, 2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000300004<. Acessado em: 27 abr. 2018.
- LESSA, Iris Fabiano do Rosário; MOTA, Francisca Rosaline Leite. **Disseminação da Informação na Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas**. Disponível em: < <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1396><. Acessado em: 27 de abr. 2018.
- MOREIRA, Flavia Moraes; Duarte, Adriana Bogliolo Sirihal. **O Paradigma Social da Informação e as Teorias Sociais: Relações e Contribuições**. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pcbcb/article/view/28485><. Acessado em 23 de set de 2018.
- MORTIMER, E. et al. Uma metodologia para caracterizar os gêneros de discurso como tipos de estratégias enunciativas nas aulas de ciências. In: NARDI, R. (Org.). A pesquisa em ensino de ciências no Brasil: alguns recortes. São Paulo: Escrituras, 2007. p. 53-94. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/doutorado><. Acessado em: 27 mar. 2018.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. 2ªed. São Paulo: ed. Pioneira, 1999. 319 p., 25.

OLIVEIRA, Tâmara Lyz Milhomem de. **Cordel e Linguagem: Múltiplas Relações**. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/>>. Acesso em 27 maio. 2018.

PAJEÚ, Helio. **Os Gêneros do Discurso na Criação Estética Colaborativa**.

PAULINO, Thiago da Silva. **Cordel Informativo: Tecendo a Trama Entre Cultura Popular e Cultura Midiática**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7327.html />. Acessado em: 10. out. 2016.

RODRIGUES, Charles; BLATTMAN, Ursula. **Gestão da Informação e a Importância do Uso de Fontes de Informação Para Geração de Conhecimento**. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pci/>> Acessado em: 20 de maio de 2018.

SALCEDO, Diego Andres; SILVA, Jhoicykelly Roberta Pessoa. **A Disseminação da Informação: O Papel do Bibliotecários-Mediador**. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article>. Acesso em: 15 maio. 2018.

SILVA, Vania Ferreira da. **Informação e Memória na Literatura de Cordel: Produção e Fluxo**. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/> Acesso em 07 out. 2016.

TEIXEIRA, Larissa Amarral. **Literatura de Cordel no Brasil: Os Folhetos e a Fundação Circunstancial**. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream>>. Acesso em 08 de set de 2018.